

A NATUREZA DA TEMPORALIDADE NA EXPERIÊNCIA CIVILIZATÓRIA MISSIONEIRA

Luiz Henrique Torres

Analisar a problemática da temporalidade nas Missões Jesuítico-Guaranis é tarefa que exige uma definição preliminar do objeto apontando à complexidade desta iniciativa.

Considerando que as Missões não se regeram por um modelo civilizatório pronto a ser aplicado no Novo Mundo mas, consistiram numa experiência dinamizada em múltiplas variáveis – universo europeu e indígena -, a uniformizar uma provável temporalidade que definiria o movimento histórico missioneiro.

O acontecer histórico processa-se no espaço-tempo. No caso das Missões, o espaço refere-se a um território que hoje faz parte do Paraguai, Argentina e Brasil. Como o espaço não é meramente físico, mas está relacionado ao processo humano de construção de fronteiras, este espaço histórico é indissociável do tempo pois a temporalidade é um fazer-se histórico no espaço. Se o homem constrói o espaço deixando suas marcas materiais (a exemplo das habitações e cemitérios) o tempo é o universo psicossocial cuja linguagem se traduz em sonhos, fantasias e idéias. A temporalidade converte-se em signos: em expressões múltiplas que demarcam a vida e a morte. Falar do tempo é expressar o cotidiano, os atos lógicos e ilógicos que figuram ao longo do dia. Estes atos são expressos num meio concreto, que consiste em limites fixados por regras sociais e necessidade de sobrevivência material, circundados por signos normatizadores do comportamento. Estes signos normatizadores estavam presentes nas Missões através da disciplina e ritualização do cotidiano dentro de princípios cristãos, em tese.

Discutir a temporalidade é voltar-se a cultura do cotidiano. Daí, decorre uma limitação: as fontes históricas são esparsas e indiretamente é que podemos obter informações sobre o dia-a-dia

* Professor Adjunto da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Cidade do Rio Grande-RS, Doutor em História do Brasil.

missioneiro. Temos acesso a obras e cartas dos jesuítas que permitem caracterizar o esforço normatizador. Mas a presença indígena? As fontes documentais dos jesuítas, lidas em seus comentários críticos à persistência do modo-de-ser guarani, possibilitam buscar sentidos para a própria ritualização promovida pelos padres.

Num levantamento preliminar, serão destacadas algumas variáveis estruturais para uma caracterização da temporalidade missioneira.

A TEMPORALIDADE MISSIONEIRA

Uma primeira aproximação do problema exige pensar o universo psicossocial europeu na transição da Idade Média para a Idade Moderna. O homem ibérico do século XVI, refletindo a presença marcante da Igreja, que simbolizava a própria identidade após as lutas de reconquista da Península frente a ocupação árabe, permanecia ligado ao universo medieval: superstições, espiritualismo arraigado, devoção a santos e relíquias, peregrinações e sobrenaturalismo.

No contexto do Renascimento, da Reforma Protestante e da debilidade ético-moral católica, foi criada a Companhia de Jesus, ordem religiosa de caráter reformista e militantes (soldados de Cristo), cuja ética loyolana baseava-se na "salvação da alma" através da militância religiosa e da obrigação de "viver no mundo".²⁹³

Nas relações entre Igreja e monarquias espanhola e portuguesa, a Companhia de Jesus prestou grandes serviços na conversão indígena e missionarização. No caso das Missões Jesuítico-Guaranis, a nacionalidade espanhola destas Missões é de extremo interesse para os estudos da formação territorial sul-rio-grandense e para a história da Bacia Platina Oriental.²⁹⁴

O surgimento dos povoados missioneiros na primeira metade do século XVII, em terras pertencentes à monarquia espanhola, desencadeou um processo civilizatório junto aos indígenas guaranis, promovendo a formação de uma organização social de caráter

²⁹³ SEBE, José Carlos. *Os Jesuítas*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 27.

²⁹⁴ Os reflexos destas questões na historiografia podem ser equacionadas em TORRES, Luiz Henrique. *A Produção Historiográfica no Rio Grande do Sul (1819-1880)*; *Platinidade e Missões na Historiografia Rio-Grandense (1882-1950)*; *Brasilidade e Antagonismo: a Tendência Historiográfica Luso-Brasileira (1927-1957)*.

comunitário e católico, político-administrativamente vinculado aos órgãos metropolitanos (Casa de Contratación e Conselho das Índias), coloniais (Audiências, Vice-Reis, governadores, autoridades), clericais (superiores da Companhia de Jesus e da Igreja de Roma) e locais (Cabildos); prestando serviços militares, pois os guaranis são súditos do Rei (pagando impostos sobre a produção agropecuária e a exportação); promovendo a produção artística, artesanal e técnica, segundo o imaginário da sociedade europeia católica (diabo x conversão).

A inserção das Missões no processo histórico platino tem possibilitado análises da formação social, político-administrativa, econômica e cultural, porém as estruturas mentais²⁹⁵ ainda não receberam um espaço maior na produção intelectual missioneira. Neste sentido, buscar a compreensão da temporalidade é uma das possibilidades para responder a indagação: como a Companhia de Jesus construiu ritualmente a temporalidade no Novo Mundo e qual a natureza dessa construção frente ao Colonialismo, ou seja, o tempo missioneiro é medieval/moderno ou decorre das possibilidades histórico-culturais das Missões, inseridas nas determinações e limites do Sistema Colonial Mercantilista?

Para uma aproximação inicial com o cotidiano e temporalidade missioneira, os pesquisadores Maxime Haubert e Bartomeu Meliá constituem autores que desenvolveram estudos fundamentais para o desvelamento destas indagações.

O francês Maxime Haubert, realizou uma caracterização do cotidiano missioneiro ao analisar a normatização das "horas e dos dias":

"O dia começa às quatro horas – ou às cinco no inverno – ou seja, cerca de uma hora antes do nascer do Sol. É o guarda-portão quem toca o sino para acordar os jesuitas, os quais se dirigem imediatamente à igreja, para uma hora

²⁹⁵ Conforme Ariès, as estruturas mentais são "...traços coerentes e rigorosos de uma totalidade psíquica que se impõe aos contemporâneos sem que eles saibam. Talvez os homens de hoje sintam a necessidade de trazer para a superfície da consciência os sentimentos de outrora, enterrados numa memória coletiva profunda. Pesquisa subterrânea das sabedorias anônimas: não, sabedoria ou verdade atemporal, mas sabedorias empíricas que regem as relações familiares entre as coletividades humanas e cada indivíduo, a natureza, a vida, a morte, Deus e o além". ARIÈS, Philippe. *A História das Mentalidades*. In Jacques Le Goff (Org.), *História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 175.

*de devoção mental. Durante esse período, os alcaides das crianças percorrem as ruas ao som de tambores, gritando: Irmãos! Eis que vai começar o dia! Que Deus vos guarde e vos ajude! Acordai os vossos filhos e filhas, para que venham orar e louvar a Deus, ouvir a santa missa e começar os vossos trabalhos em seguida. Não vos demoreis, não sejais fracos, não vos deixeis tomar pela preguiça! Ouvi! Já soam os tambores. Todas as crianças e todos os adolescentes, desde os sete anos até a idade própria do casamento são reunidos pelos alcaides e conduzidos até o adro da igreja. Duas crianças rezam orações, as quais são repetidas em coro pelos companheiros. Em seguida, entoam alguns pequenos cânticos, tudo isso sob a direção de catequistas índios; mas, como os jesuítas não acreditavam muito neles, em assuntos tão essenciais, não raro que surjam imprevistamente no meio deles”*²⁹⁶

As dez horas, após haverem recitado às ordens canônicas, os jesuítas retiravam-se para os seus quartos a fim de realizarem os exames de consciências. As ocupações variavam entre as confissões, inspeção dos campos e das oficinas, catequese ou visita aos doentes. Durante as refeições, um *chanfre* lia um capítulo das “santas escrituras” em latim, vida dos santos em espanhol, o martiroológico, O Livro de Ordenes (às sextas-feiras) e a cada quinze dias, as regras do Instituto.²⁹⁷

Os índios trabalhavam nove horas no verão e sete horas no inverno, sendo a jornada de trabalho encerrada com o toque do sino chamando para o terço. Os padres encarregavam-se dos enterros e após, recebiam os fiéis para às confissões. As dezenove horas era servida a janta, seguida de uma hora de recreio e posterior exame de consciência. O dia encerrava-se com orações, leituras pias e penitências:

²⁹⁶ HAUBERT, Maxime. *A Vida Quotidiana no Paraguai no Tempo dos Jesuítas*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d., p. 272-3.

²⁹⁷ *Idem*, p. 284-285.

*"Antes de se deitarem, as crianças enchem as ruas de breves cânticos, após o que vão pedir a benção a seus pais. Depois do toque de recolher, a nenhum índio é permitido sair de casa, percorrendo vários zeladores todas as ruas, durante a noite, a fim de evitarem infração ao sexto mandamento. Todo o moinante recebe um castigo exemplar. A noite acha-se dividida em três quartos, sendo a rendição anunciada por um toque de tambor [...] Assim decorrem os dias e as noites"*²⁹⁸

O decurso dos anos era marcado pelas mesmas festas religiosas e civis da América colonial espanhola, como é o caso das festividades da Quaresma, Paixão, Páscoa e Natal. O Padre Peramás, cura de uma missão do século XVIII, escreveu que "...não se ouviam outros cânticos que não fossem dedicados a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos santos, cujos louvores ressoavam pelas ruas e caminhos..."²⁹⁹

Segundo Bartomeu Meliá, nas Missões, as horas e os dias, as semanas e as estações, sucediam-se com a regularidade de um relógio, pois

*"...las mismas figuras salen a las mismas determinadas horas, se poen en movimiento, hacen sus gestos com la misma controlada exactitud que el paso de las horas, siempre fieles a sí mismas, iguales, repetidas en su rutinario volver, constantes en su distribución"*³⁰⁰

O padre jesuíta José Cardiel afirmou que em cada missão havia um relógio feito por índios ou comprado em Buenos Aires. Um índio velho, o *portero*, era responsável por um relógio situado no corredor do primeiro pátio, o qual tocava rigorosamente às cinco horas no inverno e às quatro no verão.³⁰¹

²⁹⁸ Ibidem, p. 288.

²⁹⁹ Padre Peramás, citado por HAUBERT, *A Vida Quotidiana...*, Op. cit., p. 278.

³⁰⁰ MELIÁ, Bartomeu. *La Vida en las Reducciones Jesuíticas de Guaraníes o el Uso Perfecto del Tiempo*. In *El Guaraní Conquistado Y Reducido; Ensaos de Etnohistória*. Asunción: Universidade Católica, 1988, p. 210.

³⁰¹ FURLONG, Guillermo. *José Cardiel y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Del Plata, 1953, p. 134.

Outro participante da conquista espiritual, o padre José Escandón escreveu sobre o *tamborito* que era tocado "en la plaza y por las calles", convocando os índios para o catecismo e a missa.³⁰²

Os ofícios artesanais, o trabalho agrícola e as atividades possuíam horários fixos que somente eram alterados nas mudanças de estação. O despertar, a missa, as refeições, o repouso noturno são seqüências de um ritmo disciplinador e repetitivo:

*"El sol está ido y los indios descansan, esperando un nuevo día tan igual al día anterior y tan igual en un pueblo como en otro, que sólo las personas diversas y algún detalle pueden orientar la diferencia"*³⁰³

As festividades religiosas eram momentos de ritualização de um cotidiano voltado à dinâmica espiritual da moral cristã através das procissões, da música e canto, da dança, de representações teatrais e devoções.

Um livro impresso na língua guarani, pelo padre J. Insaurrealde, chamado Araporú aguïyey habá (Do uso perfeito do tempo – edição de 1759) apresenta na capa o seguinte texto:

*"En estos libros enseña el autor a los indios, cómo pasar el día íntegro santa y dignamente, ya sea trabajando en casa, ya cultivando el campo, ora camino de la iglesia o asistiendo a la misa"*³⁰⁴

A uniformidade e repetição das atividades e movimentos nos pueblos, promoviam um ritmo que almejava o "uso perfeito do tempo", um ritmo de trabalho e cristianização, conduzido na atenção constante dos jesuítas. Este modelo de uniformidade certamente deve ser relativizado (os apelos dos discursos jesuíticos buscam uma certa prática social normatizadora) e a formação missioneira, na dinâmica global e particularidades de cada povoado que edificou o seu ritmo a partir de arritmias frente ao modelo de uniformidade proposto no século XVIII no livro sobre a disciplinarização da temporalidade. Estas arritmias estão relacionadas com a presença dos carais-feiticeiros no século XVII e pela persistente presença cultural dos guaranis nas Missões.

³⁰² Citado por MELIÀ, *El Guaraní Conquistado...*, Op. cit., p. 212.

³⁰³ *Ibidem*, p. 219.

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 211.

A inserção e sobrevivência de um tempo perfeito frente à história colonial Ibero-Americana demonstrou ser um processo complexo e frágil. O universo ritual, alegórico, material e discursivo sucumbiu frente à magia destruidora de uma palavra: fronteira. A delimitação das fronteiras nas frentes de expansão luso-brasileira e espanhola-americana corresponderam a um processo de longa duração, que se estendeu entre os séculos XVII a XIX. As possibilidades históricas missioneira estão contextualizadas nessa disputa de fronteiras entre os países ibéricos e os interesses coloniais. A fragilidade de possibilidades que se denunciaram em curta duração (bandeirantes escravagistas e a destruição das Missões); em média duração (tratados políticos de delimitação territorial entre Portugal e Espanha); e em longa duração (os antagonismos – políticos, econômicos, militares e intelectuais). Estas *durações* traduzem a inviabilidade de uma temporalidade uniforme e perfeita num espaço-tempo tenso e conflitivo.

As determinações do processo histórico europeu e platino - dinâmica em que as Missões estão inseridas - propiciou um tempo para a conquista espiritual, para o florescente desenvolvimento urbano e para a derrocada do projeto com a decorrente expulsão dos jesuítas e marginalização dos guaranis.

Se o confronto com o universo colonial desarticulou a temporalidade missioneira (fundada no comunitário, mercantil, sobrenatural e hierarquia), a questão de como o uso perfeito e uniforme do tempo regeu a vida dos jesuítas e índios por mais de cento e cinquenta anos ainda é um problema conduzido para o campo da ritualização e das realizações materiais. A ampliação das pesquisas no campo da ritualização e do sagrado-profano permitirão o levantamento de novos elementos na caracterização do imaginário missioneiro.

O SENTIDO DO TEMPO

O ritmo temporal missioneiro cadenciava-se pelo ritualismo cristão com todo o seu universo de representações e repressões.³⁰⁵ A

³⁰⁵ SOUZA, José Otávio Catafesto. *Uma Análise do Discurso Missionário: o Caso da Indolência e Imprevidência dos Guaranis*. In *Veritas*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, dezembro/1990, (nº 140), pp. 706-726.

sistemática do trabalho e das atividades espirituais e artísticas impunham-se enquanto disciplina ordenadora do espaço social.

E, enquanto produto da conquista espiritual e tensão com a sociedade baseada na exploração da mão-de-obra pelo *encomendeiro*, as Missões constituíam-se num processo enquadrado no Sistema Colonial Mercantilista, porém com características específicas e diferenciadas.

A Companhia de Jesus construiu ritualmente a temporalidade nas Missões recorrendo às alegorias, representações, sobrenaturalismo, atividades cênicas, musicais, festas religiosas, reafirmando o pecado e propiciando o perdão ao guarani, em sintonia com os princípios religiosos católicos ordenados pela Igreja e em consonância com as Monarquias Ibéricas no contexto do Padroado da Idade Moderna.

A transição medieval-moderna foi um processo lento de sobrevivência, caracterizada por uma mentalidade sensível às forças sobrenaturais. A repetição imposição de um certo comportamento cristão no cotidiano das Missões visava à doutrinação e ao enquadramento do guarani às necessidades advindas da modernidade.

Uma delimitação mais clara da temporalidade missioneira precisa levar em consideração essa transição, onde o recurso medieval através do pensamento cruzadista sobrenatural (intervenção divina na sociedade e na natureza - ação de Deus que guia e legitima a ação do Clero),³⁰⁶ a forte ritualização (símbolos, relíquias) se fundiram com às necessidades advindas do moderno (trabalho e produção sistematizada, geração de excedentes para comercialização, divisão social do trabalho, incorporação de novas tecnologias). Ou seja, o imaginário conservador, repressor e conversor do período medieval foi mantido - aquele universo alegórico e discursivo no qual a Igreja erigiu o seu poder -, enquanto outra faceta do medieval foi superada - a letargia produtiva. O moderno está presente com sua sistemática e disciplina, com seu tempo matemático e mecânico. O discurso recorre ao medieval mas as motivações são da modernidade.

³⁰⁶ O apelo ao sagrado e ao sobrenatural aparecem claramente em dois jesuitas que participaram da conquista espiritual: MONTROYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual Feita Pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguay, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985; SEPP, Antonio. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

Apesar do isolamento do contato direto com o universo ibérico e colonial, as Missões tinham o seu cotidiano regulado por aquele universo, visando a um "uso perfeito do tempo" em vários níveis: organização político-jurídico-administrativa, súditos do Rei e organização sócio-econômica; ou seja, o trabalho, produção, excedentes e comercialização.

Os conceitos de organização sócio-política que tentam explicar a formação missioneira - como pode ser exemplificado nos conceitos sintetizadores de Império Teocrático, República Comunista Cristã e Socialismo Missioneiro -, desconsideram que os conceitos devem ser formulados a partir do objeto. A própria construção da temporalidade missioneira caracteriza uma formação que somente a complexa dinâmica histórica dessa transição poderá melhor definir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *A História das Mentalidades*. In Jacques Le Goff (Org.), **História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FURLONG, Guillermo. **José Cardiel y Sua Carta Relación (1747)**. Buenos Aires: Del Plata, 1953.
- HAUBERT, Maxime. **A Vida Quotidiana no Paraguai no Tempo dos Jesuítas**. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- MELIÁ, Bartomeu. *La Vida en las Reducciones Jesuíticas de Guaraníes o el Uso Perfecto del Tiempo*. In **El Guaraní Conquistado Y Reducido**; Ensaio de Etnohistória. Asunción: Universidad Católica, 1988.
- MELIÁ, Bartomeu & NAGEL, Liane Maria. **Guaraníes y Jesuítas en Tiempo de las Misiones: Una Bibliografía Didáctica**. Asunción: CEPAG, 1995.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. **Conquista Espiritual Feita Pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguay, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.
- SEBE, José Carlos. **Os Jesuítas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SEPP, Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- SOUZA, José Otávio Catafesto. *Uma Análise do Discurso Missionário: o Caso da Indolência e Imprevidência dos Guaranis*. In **Veritas**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, dezembro de 1990, nº 140.
- TORRES, Luiz Henrique. **A Produção Historiográfica no Rio Grande do Sul (1819-1880)**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1997.

- _____. **Platinidade e Missões na Historiografia Rio-Grandense (1882-1950)**, Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1997.
- _____. **Brasilidade e Antagonismo: a Tendência Historiográfica Luso-Brasileira (1927-1957)**, Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1998.